Nº 19
2.ª SERIE
ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
DIRECTOR
C. MALHEIRO DIAS

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$000
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

Retratos premiados

POR

Unanimidade de votos

1.º — **Tricana de Ilhavo** — Photographia do sr. Paulo Namorado. (Photographo amador em Ilhavo.)

2.º — **Lavradeira de Barcellos,** (Freguezia de Roriz) — Photographia do sr. Julio Vallongo. (Photographo amador em Barcellos.

3.º — **Costureira de Ilhavo** — Photographia do sr. Paulo Namorado.

4.º — **Rapariga de aldeia.** (Ilhavo) — Photographia do sr. Paulo Namorado.

Por maioria de votos

5.º — **Montanheira dos Arredores de Loulé** — Photographia do sr. Joaquim A. da Silva Nogueira. (Photographo amador em Loulé.)

6.º — **Fiandeira de Ilhavo** — Photographia do sr. Paulo Namorado.

7.º — **Tricana de Aveiro** — Photographia do sr. Albino Mendes. (Photographo amador em Aveiro.

Condições do concurso

....

5.º — A **Illustração Portugueza** reserva-se o direito de publicar todas as photographias que merecerem do jury mensão especial.

6.º — O jury será constituido por um pintor, um esculptor, um poeta, um romancista, um critico de arte e um jornalista, convidados entre os mais illustres artistas e escriptores portuguezes.

7.º — A **Illustração Portugueza** publicará no seu numero de 2 de julho os resultados do concurso, acompanhados de um estudo descriptivo, profusamente illustrado, da terra classificada em primeiro logar.

8.º — O photographo ou photographos que para essa classificação tenham concorrido com um ou mais documentos, receberão em premio, gratuitamente, durante um anno, a **Illustração Portugueza** e terão o seu retrato publicado no nosso numero de 2 de julho, dedicado ao concurso.

Tricana de Ilhavo — photographia do sr. Paulo Namorado —1.º premio

A *Illustração Portugueza* vem hoje dar conta aos seus leitores, no praso que lhes designára, dos resultados do seu primeiro concurso photographico.

Qual é a terra de mais lindas mulheres de Portugal? Esta a pergunta que a *Illustração Portugueza* dirigia em 12 de março aos photographos amadores e profissionaes de todo o paiz, convidando-os a

enviar-lhe, com a indicação da terra em que cada uma d'ellas residia, a photographia das mais lindas mulheres que conhecessem, fosse qual fosse a sua camada social, a principiar pela mulher do campo, a trabalhadora da terra, que constitue a maioria entre as mulheres portuguezas. A *Illustração Portugueza* ia de encontro ás considerações que o seu concurso poderia suscitar entre os mais escrupulosos, abstendo-se de conhecer os nomes ou quaesquer indicações pessoaes relativas ás mulheres photographadas. Limitava-se a pedir que os documentos fossem acompanhados da designação precisa da naturalidade — nome da cidade, villa, aldeia ou logar. Nada mais.

Onde o homem que ao menos uma vez não tenha formulado em pensamento a pergunta palpitante: *qual é a terra de mais lindas mulheres de Portugal?*

Até agora, porém, essa pergunta ficára sem resposta. N'esse conto admiravel que se chama *As singularidades de uma rapariga loura*, Eça de Queiroz designára as mulheres de Villa Real como as mais bonitas do Norte. E accrescentava: para olhos pretos Guimarães, para corpos Santo Aleixo, para tranças os Arcos, para cinturas finas Vianna, para boas pelles Amarante. Phantasia de romancista? Talvez. Mas não era simplesmente o acaso que trazia aos bicos da penna do estylista incomparavel esses nomes prestigiosos de cidades e villas, dispensando-lhes a honra de guardarem a mais excelsa perfeição da linda e amoravel mulher portugueza. Esquecera Eça de Queiroz as suas vizinhas de Villa do Conde, de tão puro perfil e de tão dourados cabellos, para lhes preferir as desenvoltas moças de Villa Real e as airosas e decorativas raparigas dos Arcos de Val-de-Vez e de Vianna, que ainda hoje, na feira da Agonia, com as suas saias coloridas e os seus chales de froco, a sua chinella de verniz a estalar nos pés como um brinquedo, as suas arrecadas de ouro a balouçar nas orelhas, levantam em rixas homicidas, para a disputa de um sorriso, os varapaus dos namorados. N'essa preferencia, o romancista obedecia certamente á suggestão da radiosa fama de belleza que conquistaram essas terras do norte, onde é tão fervoroso o culto da mulher, e assim na sua lista de privilegiadas se encontra Guimarães, terra onde o auctor anonymo de um livro publicado em França nos fins do seculo XVIII já dizia ter encontrado os mais lindos seios e os mais voluptuosos dos olhos. Mas outras regiões, tanto ou mais do que aquellas, podiam reclamar para si a honra de serem o berço das mais formosas portuguezas. Garrett indicava Ilhavo como uma terra protegida por Venus e Camillo affirmava que as moças de Barcellos levavam de vencida todas as lindas mulheres das redondezas no rosado da face, na robusta elegancia do corpo e na viçosa alegria.

Lavradeira de Barcellos — photographia do sr. Julio Vallongo — 2.º premio

Costureira de Ilhavo — photographia do sr. Paulo Namorado — 3.º premio

Quem não conhece o despotismo exercido pela tricana de Aveiro, que tem conseguido enxertar em mais de um tronco nobre a sua dolente graça de plebeia? Quem, aqui mesmo em Lisboa, deixou de reparar mais de uma vez na elegancia ondulosa da varina, na belleza oriental da sua pelle e no ingenito donaire das suas attitudes? «*Parecem modelos de um «atelier» de esculptor*» — dizia Alfredo Serrano, preceptor dos filhos de D. Miguel, parando em frente ao mercado da Ribeira Nova, poucos dias depois do seu regresso da Austria, ainda saudoso das tyrolezas e das viennenses.

E é essa graça natural, sem a affectação das andaluzas, essa voluptuosa malicia, esse donaire discreto e por isso mesmo perturbador, a sua terna passividade amorosa, a sua constancia apaixonada, que dão á portugueza, á falta de uma belleza esculptural, a seducção que sobre os proprios estrangeiros ella exerce e com que a soror Marianna captivou Chamilly e a filha do Marialva enlouqueceu lord Beckford. Torna-se porém impossivel definir a mulher portugueza, reduzindo-a a um só typo predominante de belleza. Talvez em nenhum paiz da Europa, como em Portugal, a formosura da mulher reveste tão variados as-

pectos, de região para região, a ponto de parecer que um territorio immenso separa a alegre e forte barqueira de Avintes ou a vistosa e sensual mulher da Maia da indolencia arabe da algarvia ou da elegancia esbelta da varina. Entre o trajo colorido da minhota, com a sua algibeira bordada de missangas e lantejoulas, as suas meias côr de cravo, os seus chales vermelhos e amarellos, os seus cordões, cruzes, corações e arrecadas de ouro, os seus colletes de ramagens, as suas alegres danças, as suas sonoras cantigas, e a simplicidade da beirôa ou o recato submisso da alemtejana, ha mais do que espaços immensos, ha abysmos de raças, que os proprios millenarios não bastarão para nivelar dentro da communidade estreita de uma nacionalidade e de uma lingua. E essa complexidade de elementos ethnicos singularmente concorre para difficultar o criterio de uma preferencia e consentir que se estabeleça com relativa segurança qual a provincia, a região, a cidade, a villa, o logar onde a portugueza é mais linda.

Conseguiu a *Illustração Portugueza*, com o presente concurso, fixar em bases convincentes a eleição da terra de mais lindas mulheres de Portugal? Não o conseguiu. Por unanimidade, o jury convidado para apreciar as provas do concurso e que era constituido pelos srs. Columbano Bordallo Pinheiro, professor da Escola de Bellas Arte de Lisboa, Antonio Teixeira Lopes, professor da Escola de Bellas Artes do Porto, dr. José de Figueiredo, critico de arte, Abel Botelho, romancista e dramaturgo, dr. Julio Dantas, dramaturgo e poeta, e dr. Cunha e Costa, jornalista, foi de parecer que, apezar de numerosas, pois elevavam-se a 512, as provas apresentadas não lhe consentiam eleger sob um criterio de consciente justiça a terra de mais lindas mulheres de Portugal. E isto, não porque ao concurso não tivesse concorrido avultado numero de photographos e entre as centenas de photographias enviadas não fosse possivel extremar a de muitas mulheres encantadoras, mas porque algumas das regiões do paiz, mais conhecidas como terras de lindas mulheres, não se achavam n'elle representadas.

A relativa estreiteza do praso concedido aos concorrentes, a propositada falta de propaganda que do seu concurso fizera a *Illustração Portugueza*, desejando quanto possivel circumscrevel-o aos seus assignantes e leitores, para melhor avaliar da sua influencia e poder aquilatar os seus recursos proprios, se por um lado dera em resultado o triumpho desvanecedor de constatar a irradiação surprehendente que lográra a sua iniciativa, por outro lado tirára ao sensacional certamen o unanime interesse com que seria para desejar entrassem no torneio *todas as regiões do paiz*, desde o littoral mouro do Algarve, onde sôa o adufe, até ás fronteiras da Galliza, onde as raparigas dançam nos adros ao som das castanholas e da gaita de folles. Attendendo porém ao consideravel successo de concorrencia que obtivera o concurso, o jury propunha á direcção da *Illustração Portugueza* que elle fosse considerado como um ensaio geral para um concurso definitivo e para o qual se convidassem todos os photographos profissionaes, — que d'esta vez, em grande parte, se abstiveram de concorrer com os photographos amadores, — e de onde, depois de uma exposição publica dos retratos classificados, sahisse eleita a *Terra de mais lindas mulheres de Portugal*.

Esta proposta, que representava, por emanar de uma tão illustre reunião de artistas e escriptores, uma verdadeira consagração para a nossa feliz iniciativa, foi acceite e não mais tarde do que hoje renova a *Illustração Portugueza* o seu concurso, em novas bases e mais dilatado praso, confiada em que, a julgar pelo exito que coroou a sua primeira tentativa, este segundo concurso proporcionará definitivamente ao jury todos os elementos para a eleição da *Terra de mais lindas mulheres de Portugal*.

Rapariga da aldeia [Ilhavo] — photographia do sr. Paulo Namorado — 1.º premio

Não quiz comtudo o jury deixar de classificar alguns dos mais typicos e lindos exemplares de mulher apresentados ao actual concurso, nem privar a *Illustração Portugueza* do cumprimento dos deveres contrahidos, premiando os photographos amadores ou profissionaes, que obtivessem classificação para os seus trabalhos.

Assim, do escrutinio do jury resultou serem classificados por unanimidade quatro retratos de mulheres de Ilhavo e de Barcellos e por maioria de votos tres retratos de mulheres de Ilhavo, Loulé e Aveiro, respectivamente dos photographos amadores srs. Paulo Namorado, Julio Vallongo, Joaquim Nogueira e Albino Mendes, aos quaes será desde hoje, por o espaço de um anno, enviada gratuitamente a *Illustração Portugueza*.

Publicando no presente numero os retratos dos concorrentes classificados, aqui lhes deixa a direcção da *Illustração Portugueza* consignado o seu reconhecimento pela sua valiosa collaboração, felicitando muito especialmente o sr. Paulo Namorado, que reuniu o maior numero de provas classificadas e obteve para Ilhavo o primeiro logar entre as demais terras concorrentes. Não quer tambem a *Illustração Portugueza*, porque com essa falta incorreria n'uma injustiça, deixar de agradecer vivamente aos [...] e numerosos photographos amadores e profissionaes que, embora não tendo obtido do jury menção especial, poderosamente contribuiram para o extraordinario exito, superior a todas as espectativas, do 1.º concurso da *Illustração Portugueza*, e a quem a direcção d'esta revista desde já convida para o segundo e definitivo concurso, destinado á eleição da *Terra de mais lindas mulheres de Portugal*.

Não se poupará a direcção d'esta revista aos maiores esforços para conseguir a representação de todas as provincias no sensacional torneio, que tem ainda a animal-o a lucta com a terra victoriosa d'este primeiro concurso — o valle encantador de Ilhavo, onde alguns pretendem encontrar na belleza das mulheres a sobrevivencia de uma colonia hellenica, ao contrario das presumpções mais cultas dos ethnographos, que, sem aprofundarem até hoje um dos problemas mais captivantes no estudo das raças estabelecidas no occidente da peninsula, indicam vagamente os nucleos pelagicos do littoral e a colonisação phenicia como a ancestralidade d'essa branca, pallida, agil e airosa mulher da região maritima de Aveiro.

Pretende a lenda que, pelo anno de 1372 antes de Christo, *Baccho*, filho de *Semele*, acompanhado de muitos gregos, aportasse á

Montanheza de Loulé — photographia do sr. Silva Nogueira — 5.º premio.

Fiandeira de Ilhavo — photographia do sr. Paulo Namorado — 6.º premio.

Tricana de Aveiro — photographia do sr. Albino Mendes — 7.º premio.

1 — Mulher da Alagôa [Ilhavo], photographia do sr. Paulo Namorado; 2 — Pescadeira de Ilhavo, photographia do mesmo; 3 — Padeira de Ilhavo, photographia do mesmo; 4 — Pescadeira de Vera Cruz d'Aveiro, photographia de Albino Mendes; 5 — Typo de belleza de Aveiro, photographia do mesmo; 6 — Pescadeira de Vera Cruz d'Aveiro, photographia do mesmo; 7 — Mulher d'Ilhavo, photographia do sr. Paulo Namorado; 8 — Mulher de Cantanhede, photographia do sr. A. Maduro

Lusitania, a cujos povos dera, como rei, a Lysias. E não tem faltado quem phantasiosamente, acompanhando a evolução millenaria dos companheiros de Baccho, se obstine em indicar-lhes a nobre descendencia n'essas colonias de pescadores da foz do Vouga, em cujos barcos de prôas recurvas querem ainda vêr esses poetas da ethnographia a reminiscencia das trirémes e das heptéres onde os navegadores aportaram ás praias da Lusitania,

em cujas festividades religiosas pretendem encontrar vestigios da mythologia religiosa do archipelago, como na estructura elegante da varina vão os mais captivos da belleza refugiar, como n'uma invencivel fortaleza, os decisivos argumentos a favor d'essa ancestralidade brilhante e legendaria.

Não veiu dar o presente concurso á mulher de Ilhavo uma fama que não lhe pertencesse de ha muito. Em toda a vasta ria, o valle de Ilhavo, abrigado pelas areias e pinheiraes da Gafanha, ficou mais a coberto do que outras regiões, habitadas pela mesma raça, das invasões do visigodo e do celta.

É em Ilhavo que a raça formosa, de presumivel ascendencia hellenica, conservou em todo o seu esplendor a primitiva belleza. De ha muito que a modesta Ilhavo é apontada como uma das terras de mais lindas mulheres de Portugal. Não foi, pois, uma surpreza e uma novidade a que o actual concurso reservou aos leitores da *Illustração* com a classificação pelo jury das provas concorrentes, e tudo deixa prevêr que nos resultados do concurso definitivo Ilhavo figure sempre n'um dos mais salientes logares, mantendo se não a classificação primacial do presente concurso, uma das primeirras entre as das terras afortunadas onde a portuguaeza é mais linda.

CONCORRENTES PREMIADOS

Sr. Paulo Namorado—Sr. Albino Mendes

CONCORRENTES PPREMIADOS

Sr. Julio Vallongo—Sr. Joaquim A. da Silva Nogueira

CONCURSO DEFINITIVO

PARA A ELEIÇÃO

DA

Terra de mais lindas mulheres de Portugal

Por proposta do jury convidado a julgar as provas do seu primeiro concurso e constituidos pelos illustres artistas e escriptores srs. Teixeira Lopes, esculptor e professor da Escola de Bellas Artes do Porto; Columbano Bordallo Pinheiro, pintor e professor da Escola de Bellas Artes de Lisboa; Abel Botelho, romancista; dr. Julio Dantas, poeta e dramaturgo; dr. José de Figueiredo, critico de arte e dr. Cunha e Costa, jornalista,

A ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ABRE UM NOVO CONCURSO

Entre os photographos amadores e profissionaes de todo o paiz

ESTABELECENDO

Sete premios no valor de

200$000 réis

CONDIÇÕES
DO
CONCURSO

1.ª — Todas as photographias serão acompanhadas da designação da cidade, villa, freguezia ou logar a que se referem.

2.ª — Todas as photographias serão acompanhadas do nome e morada do remettente, com a designação se é photographo amador ou profissional.

3.ª — O praso do concurso será de 5 mezes, contados desde hoje, findando em 2 de novembro proximo.

4.ª — Todos os retratos classificados ou que obtenham menção especial do jury serão expostos ao publico, durante uma semana, pela «Illustração Portugueza», que inaugurará com esta exposição o seu salão de festas, convidando um dos nossos mais illustres escriptores para fazer uma conferencia sobre a mulher portugueza e a terra eleita como a de mais lindas mulheres de Portugal.

5.ª — O jury reunirá oito dias depois de terminado o praso do concurso, sendo logo em seguida á sua decisão distribuidos os premios aos concorrentes classificados.

6.ª — O jury será constituido por um pintor, um esculptor, um critico de arte, um poeta, um romancista e um jornalista, convidados entre os mais notaveis artistas e escriptores nacionaes.

7.ª — A «Illustração Portugueza» publicará um numero especial dedicado ao concurso, reservando-se o direito de reproducção de quaesquer retratos, mesmo quando não hajam obtido classificação do jury.

8.ª — Devolver-se hão as photographias a todos os concorrentes que as requisitarem.

PREMIOS

Ao photographo classificado em 1.º logar..........	**100$000** réis
Ao photographo classificado em 2.º logar..........	**50$000** »
Ao photographo classificado em 3.º logar..........	**30$000** »
Ao photographo classificado em 4.º logar..........	**10$000** »
Ao photographo classificado em 5.º logar..........	**10$000** »

Total dos premios — 200$000 réis

Entre os photographos não premiados, mas cuja contribuição ao concurso tenha merecido do jury menção especial, a «Illustração Portugueza» sorteará um valioso objecto de arte.

IX — CASA DOS COIMBRAS

Braga mantinha, nos primeiros annos do seculo XVI, sua feição medieval: exteriormente, o fôsso e a carcobe, a barbacã, os muros, as torres e o castello; e no interior, estreitas e angulosas ruas, cruzadas de travessas sombrias, rocios irregulares e apertadas congostas, interrompidas pelas escadas da muralha.

A população agglomerava-se ao sul e poente da velha cathedral, cedendo uma boa parte da cidade ao palacio, aos jardins e ás vinhas do arcebispo.

D. Diogo de Sousa transformou-a rasgando ruas e praças, reedificando e construindo nobres edificios, cerrando o fôsso e supprimindo a barbacã, abrindo portas e cercando a antiga *villa* com uma cidade nova.

Em 1512, abriu a rua de S. João entre a capella-mór da Sé Primaz e a nova porta de S. Marcos.

Foi ahi que os aristocratas, seus familiares, construiram as melhores casas da cidade.

Só uma d'ellas sobrevive: a mais interessante, a casa dos Coimbras; mas n'esta epoca tão critica para tudo que em Braga tenha valor historico ou artistico, esse precioso monumento, que resistiu a tanta loucura devastadora, é a victima do ultimo demolitario municipal.

D'ahi a urgencia da nossa dolorosa tarefa, bem semelhante á do estatuario que cobre de gesso a face do cadaver, para recolher as feições que o bronze ou o marmore devem perpetuar.

A *Illustração Portugueza* archiva hoje as derradeiras photographias d'essa casa aristocratica, edificada pelo dr. João de Coimbra para residencia dos administradores da vizinha capella de Nossa Senhora da Conceição que elle fundou junto da antiga egreja de S. João do Souto, em 1525.

A capella é um monumento precioso, não tem rival n'este paiz onde felizmente abundam esplendidos edificios levantados na alvorada da Renascença e ainda sob o prestigio resistente da architectura gothica.

Aspecto actual da fachada da casa mandada edificar em 1525 pelo dr. João de Coimbra para residencia dos administradores da visinha capella de Nossa Senhora da Conceição, pelo mesmo fundada junto da antiga egreja de S. João do Souto, em Braga

Em occasião opportuna será aqui descripta, que hoje todo o espaço é pouco para o *Necrologio* do gracioso edificio que, como ella, conserva, a despeito de successivas profanações, o sublime encanto das joias *manuelinas*.

A fachada principal é voltada ao norte; examinal-a-hemos do nascente a poente, despresando os dois extremos supplementares, cuja architectura accusa eloquentemente a divergencia dos estylos.

O cunhal da casa subia na linha indicada pelo roxo-rei, denunciador da mercearia ali actualmente estabelecida, e continuava alguns metros acima da linha do telhado, porque o edificio n'este extremo, tinha sua torre cavalleira á pequena fresta e á primeira janella. N'esse cunhal abria-se graciosamente a janella geminada, a dupla janella manuelina da torre. Sob a fresta havia outra janella ha muito rasgada e transformada na porta onde subsistem seus lavores.

Trecho das trazeiras do edificio — A janella da cosin'a

A casa tinha apenas duas portas: uma ao centro ligeiramente ogival e outra sob a ultima janella. As restantes são mais ou menos recentes e abertas a capricho dos feitores e dos caseiros.

As quatro janellas são formosas, são interessan-

Aspecto geral da fachada da casa dos Coimbras

Casa dos Coimbras — Ornamentos no telhado da cocheira

tes, mas a elegancia e opulencia das primeiras, em tudo maiores, rouba ás outras os olhares apaixonados, os rendidos madrigaes dos homens educados no culto da Arte.

Ambas foram cruelmente sacrificadas ás exigentes commodidades dos seus habitantes.

Eram geminadas e como as da capella de Nossa Senhora da Conceição. Nos seus lavrados «allegos» reveladores da pericia artistica do ignorado e insigne architecto, facilmente se reconhecem as bases das columnas que as

Uma das magnificas janellas centraes, outr'ora queimadas

Uma janella nas trazeiras do edificio

Casa dos Coimbras — O pateo e a escada — Estado actual

capello e o collete abotoados de camafêos; o gibão de setim branco imprensado, com botões de ouro e golpes no razo, pelos quaes se descobria tela de ouro e negro, na gorra huma fermosa garçota, que nacia de huma rosa de topasios finos, dos quaes hia o cintilho todo povoado, as botas brancas abotoadas com camafêos e huma cadea grande de tres voltas ao pescoço.

O cavallo fouveiro variado de muytos remendos brancos, com jaezes conformes ao vestido, de bordado grosso de ouro sobre velludo negro; estribeiros e boçal de prata. Mais onze cavallos a destro com ricos paramentos. E quarenta amigos seus de cavallo, que com muytas galas o hiam acompanhando.

A tudo isto dava muyta auctoridade a pessoa do cavalleiro por ser de gentil talhe e louçania.»

Annos depois, Christovão de Coimbra vestia o grosseiro habito de S. Francisco da provincia da Piedade!

Que motivos o determinaram? Fr. Christovão de Braga, capucho descalço e mendicante, nunca os revelou.

A renuncia aproveitou a seu irmão Miguel, que era formado e seguira a carreira da magistratura. O dr. Miguel de Coimbra de Andrade, desembargador da Relação do Porto, foi homem intelligente e prestimoso; representou Braga nas côrtes de 1641 e 1649 e teve o fôro de fidalgo da Casa Real. Casou duas vezes: a primeira, sem geração, com D. Antonia, filha do mercador Simão Carvalho e sobrinha do martyr Miguel Carvalho; e a segunda com D. Francisca de Paiva, senhora do morgado dos Portalegres, no Alemtejo.

dividiam. Na impossibilidade de fazer aqui uma descripção completa, chamo a attenção do leitor para as portas branqueadas da varanda, servida pela escada relativamente moderna, para a janella rendilhada da cozinha actual e para o telhado da cocheira. Est s ruinas tão pittorescas são reliquias que teem a suggestão das grandezas abatidas.

A vereação furtou-se habilmente ao encargo de as conservar: expropriou o terreno e deixou ao proprietario todo o material do edificio.

Praza a Deus que as magnificas janellas e os interessantes motivos ornamentaes sejam recolhidos em algum dos museus das cidades vizinhas, onde felizmente a *civilisação* bracarense encontra hoje barreiras invenciveis.

Terminaremos com uma referencia historica aos senhores d'esta casa.

Filippe de Coimbra, filho de Christovão de Coimbra e neto do instituidor, após o longo homisio que remiu seus crimes, casou, aos setenta e tres annos, e teve dezoito filhos legitimos.

O primogenito, Christovão de Coimbra de Andrade, senhor da casa, tomou parte nos torneios realisados em 1627, por occasião da entrada do arcebispo primaz D. Rodrigo da Cunha. A relação d'essas grandiosas festas, de que ha duas edições impressas, descreve assim o nosso cavalleiro:

«Hia vestido de riço preto com calças altas e collete do mesmo, mas tudo tão bordado e recamado de ouro, que escaçamente se enxergava de que côr o vestido fosse.

A capa do mesmo riço imprensado, com bordadura de hum palmo, da mesma obra de ouro, o

Uma das formosissimas janellas lateraes da fachada

Seu filho José de Coimbra de Andrade accrescentou e *melhorou* a casa da rua de S. João: são d'elle os dois corpos extremos, as escadas e as portas subjacentes, a escada do pateo e a cocheira onde deu nova applicação aos motivos ornamentaes retirados do velho edificio. Este foi avô d'outro José de Coimbra de Andrade que entregou as chaves da cidade e fez o costumado discurso na entrada do arcebispo primaz D. José de Bragança.

Fallecendo sem filhos, passou esta casa com os vinculos annexos a sua irmã D. Seraphina Josefa de Andrade, mulher de João de Queiroz Botelho de Vasconcellos, mestre de campo de auxiliares e governador de Lindoso, natural de Amarante.

Foi seu terceiro neto Antonio de Queiroz Camanho e Lencastre, fidalgo cavalleiro da Casa Real, ha poucos annos fallecido.

Esta casa é hoje de seus herdeiros que succederam nos bens e no desprezo por este venerando solar.

JOSÉ MACHADO.

Capella de Nossa Senhora da Conceição: lado sul

(CLICHÊS DO EX.mo SR. JOÃO SAN ROMÃO)

A Tourada Real por occasião do casamento do rei de Hespanha

Foi uma das festas mais brilhantes do programma dos realisadas em Madrid para solemnisar o casamento real. Sem que a praça tivesse a mais simples ornamentação especial, o effeito era grandiosamente bello. Para isso bastavam os uniformes dos diplomatas e militares de todos os paizes e as *mantillas*, *mantones* e flôres de todas as damas estrangeiras ou hespanholas que solicitas accederam ao convite, muito vulgar em Hespanha, do alcalde -- que para maior luzimento as senhoras ostentassem as *galas hespanholas* tão justamente apreciadas pelos estrangeiros.

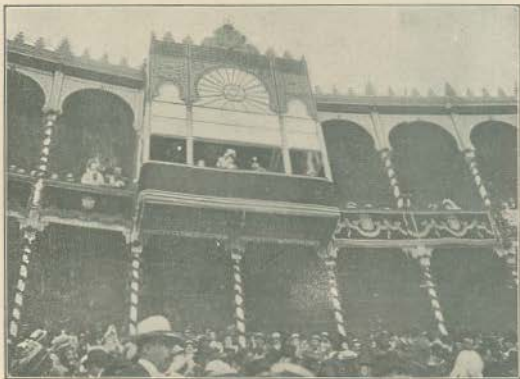
Com effeito não vi um unico chapéu: a nova rainha estava graciosissima de *mantilla* branca e flôres, seguiam-lhe o exemplo todas as princezas, infantas e damas da côrte. Não posso deixar de especialisar as princezas de Teck e Beatriz de Saxe Coburgo Gotha, elegantissimas figuras a quem a *mantilla* ia a primor.

A rainha ao entrar na praça

A rainha de Hespanha, de mantilha, na tarde dia tourada real

Todas as damas do corpo diplomatico trajavam á hespanhola, notando-se entre ellas as portuguezas, sr.as condessa de Tovar, baroneza de S. Miguel, D. Emma Navarro e a gentilissima sr.a baroneza de Hortega, que nada invejava á mais graciosa andaluza.

Havia um sector, o numero 9, verdadeiramente notavel.

Por proposta da sr.a marqueza de Ivanrey, illustre dama que em Madrid toma a iniciativa de grande parte das festas elegantes e de caridade, o governo destinou aquelle sector exclusivamente ás damas da aristocracia hespanhola a quem os principes e

A rainha Victoria á frente do camarote real

seus sequitos, embaixadas extraordinarias, corpo diplomatico e o elemento official roubaram os camarotes.

O quadro era soberbo de effeito, dava a impressão de um colossal tapete ondulante em cuja composição entrassem os mais bonitos rostos, olhos faiscantes, graciosos sorrisos, flôres, sedas, rendas e leques em constante movimento. N'um dos ultimos touros e tendo-se já retirado a familia real, o espada Fuentes teve a gentileza de offerecer uma sorte de bandarilhas a este grupo encantador, brindando pela belleza hespanhola. Terminada a sorte, foi chamado e cahiu-lhe em cima uma verdadeira chuva de flôres.

Os rojoneadores na praça

O effeito da enorme praça era grandioso e indescriptivel o enthusiasmo com que foram recebidos os reis, que pela primeira vez se apresentavam em publico depois do execrando attentado da *Calle Mayor*. Foi um momento de verdadeiro delirio em que vinte mil pessoas se levantaram impellidas por uma idéa unica: felicitar e saudar os jovens e sympathicos soberanos de Hespanha.

A um signal da graciosa soberana entrou na arena o luzido cortejo á antiga em que figuravam tres riquissimos coches particulares, que conduziam os seus donos, duques de Medinacelli e de Alba e marquez de Tovar, grandes de Hespanha, com os tres *rojoneadores* que respectivamente apadrinhavam.

Da lide não falarei, pois, ao contrario do que se dizia, conservou todas as selvagerias do barbaro toureio hespanhol. Basta dizer que as farpas *(rojones)* são lanças com que os cavalleiros devem tentar matar o touro, tendo-o conseguido n'um, que não necessitou do emprego da espada!

Aspecto do famoso sector n.º 9 das senhoras da nobreza

Entre os estrangeiros vi senhoras e homens, enojados, irem passear para os corredores dos camarotes e os principes de Galles deram o bonito exemplo de ir passar esse dia ao palacio de Aranjuez.

A rainha, a quem foram feitos os mais calorosos e enthusiasticos brindes por todos os espadas da tarde, atirava-lhes no fim da lide valiosos presentes em elegantes estojos.

F. A.

O general S. Jorge e a procissão do Corpo de Deus

UM SYMBOLO QUE DESFEIA UMA LEGENDA ◎ UM SANTO GENERAL E OUTRO MAJOR ◎ O SOLDO DOS SANTOS ◎ O NOME DE S. JORGE E O GRITO DE GUERRA DOS PORTUGUEZES ◎ COMO SANTO ANTONIO SENTOU PRAÇA ◎ ANNIBAL E UM MAJOR DO ROUSSILHÃO ◎ A PRIMEIRA EGREJA DE LISBOA ◎ A PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS ◎ O SENHOR DO CASTELLO DE LISBOA ◎ O ALFAGEME DE SANTAREM E A IRMANDADE DE S. JORGE ◎ O QUE ERA A PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS NO SECULO XIV ◎ OS EMBLEMAS DE TODOS OS OFFICIOS E DE TODAS AS PROFISSÕES ◎ OS PATRONOS DOS MISTERES ◎ COMO SE QUIZ APEAR S. JORGE ◎ UM FISCAL DA LEI A MULTAR O SANTO ◎ S. JORGE VESTIDO DE SEDA ◎ O CAVALLO DE S. JORGE CONTRA UM ARCEBISPO ◎ COMO S. JORGE DEU UMA LANÇADA N'UM MORDOMO ◎ OS RATOS E O SANTO ◎ OS FOLIÕES D'ARRUDA E AS LAVANDEIRAS DE FRIELLAS ◎ COMO SE FAZIA A PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS NO TEMPO DE D. JOÃO V ◎ A POMPA DE S. JORGE ◎ O HOMEM DE FERRO ◎ O PAGEM ◎ O QUE SIGNIFICAM AS BASILICAS DA PROCISSÃO ◎ AS EGREJAS QUE S. JORGE HABITOU ◎ OS ATTENTADOS CONTRA OS REIS NA PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS ◎ JUNOT E AS PEDRAS DO CHAPÉU DE S. JORGE ◎ O GENERAL S. JORGE E O LIMITE D'EDADE NO EXERCITO.

S. Jorge, com o seu gibão golpeado, a lança enristada, espada ao lado, o chapéu arrogante, assim escanchado no cavallo branco, com o seu cocar alarmante, que os escudeiros ladeiam aguentando as pernas tensas da imagem, tal como ha seculos apparece na procissão fidalgado Corpus Christi, é a derradeira exhibição d'um tempo legendario que o symbolo de hoje desfeia, como uma figura tosca de mau alvinel espapaçada sobre um tumulo a pretender representar o cavalleiro esforçado cuja ossada já se esfarellou, mas que foi todo galas e esforços, donaires e galhardias e nunca aquella caricatura de má arte, defeituosa e disforme, inexpressiva e ratada pelas eras, que lhe guarda a poeira e o quer perpetuar. Com o seu pagem loiro e bonitinho, com o *homem de ferro* atabafado na armadura por esses calores de junho, com os seus negritos de bochechas inchadas soprando nas charamellas, sahindo do castello entre salvas, continencias e musicas, o santo realisa quasi uma parodia, cria um singular grotesco desrespeitador e patusco.

S. Jorge e Santo Antonio são os unicos santos que teem em Portugal honras militares: um é o general de rosto parado e trajo d'outras eras; o outro, mais em religião e com o seu habito fradesco, não conseguiu jámais passar de major ou tenente-coronel por uns feitos em que tomou parte, já canonisado, nos tempos do sr. D. Pedro II. Julgamos, porém, que nem um nem outro recebem soldo n'este tempo em que se clama contra as despezas excessivas do exercito, mas sabemos que n'outra epoca o recebiam e o gastavam em... cêra.

S. Jorge, á semelhança dos principes, dos privilegiados, dos que nascem em berço heraldico—elle foi principe na Cappadocia—entrou logo no exercito agaloado de general; Santo Antonio, mais humilde, pobre e frade, nascido alli á beira da Sé, lisboeta e turbulento, sentaram-lhe praça de soldado. Tambem entre elles ha uma capital differença. S. Jorge foi evocado nas phalanges d'Aljubarrota, gerou um grito de guerra, substituiu o velho S. Thiago com que se arremettia nas fossadas da moirama, o seu nome sahiu em arrancos da bôcca de Nun'Alvares, esturgiu de lés a lés nos campos onde o valor portuguez estorcegava a blasonadora e fanfarrona gente de Castella, fez-se ouvir desde Arzilla a Alcacer Kibir, soou pela Africa a cada pégada que se avançava,

O chapéu armado de S. Jorge

campeou na India e só deixou de ser arremeçado como uma catapulta ao inimigo no dia em que os exercitos se bateram de longe, sem um berro, sem um impeto individual, nas linhas da peleja moderna que a estrategia creou.

Santo Antonio, esse, como um mancebo que entra nas sortes, foi escripturado no livro do regimento de Lagos, a 4 de janeiro de 1668, a folhas 149, e deu do seu bom comportamento como fiadora a Rainha dos Anjos, que se tornou responsavel pela sua fé de bom soldado e pelo seu amor ás bandeiras. D. Pedro II promoveu-o a capitão em vista de ter conduzido um destacamento desde Jorumenha a Olivença fazendo fugir os hespanhoes; nunca foi castigado, tem a caderneta em ordem, não commetteu faltas e assim subiu os postos como attestou o sr. de Moncarrapacho e Ferragudo, D. Hercules Magalhães Homem, a serio e em documento official datado de 25 de março de 1777. Um foi o guerreiro por indole, por temperamento, pelo coração; o outro foi o official d'acaso e que desde ha um seculo nada mais fez nem mesmo ser attingido pelas constantes reformas do exercito. D'ahi a differença dos seus postos, das suas figuras, das suas façanhas: um é Annibal, o outro um major do Roussilhão.

Já no tempo da conquista de Lisboa, quando os cavalleiros inglezes vieram batalhar com Affonso Henriques, traziam uma imagem de S. Jorge e na primeira capella que levantaram, no primeiro altar que foi sagrado alí n'esse templo—hoje a egreja dos Martyres—o santo teve o seu nicho e o seu culto.

Quando Santa Joanna de Liege e outras beatas donas tiveram as revelações de que se devia afzer a festa do Corpo de Deus, ahi pelos annos de 1264 a 1316, entre Urbano IV e João XXII, S. Jorge logo tomou parte na festividade, tanto mais que as refregas com Castella e depois o grito de guerra do mestre d'Aviz—*S. Jorge e Portugal!*—tinham elevado o santo até ao pendão heroico do Condestavel. Acabadas as luctas, o S. Jorge valoroso d'Aljubarrota teve a consagração militar. O rei deu-lhe o senhorio do castello de Lisboa e moliara em S. Domingos, onde o povo o ia fazer juiz das suas brigas; deu-lhe uma irmandade composta por artifices que trabalhassem com ferro e fogo, como a marcar a brava conducta do santo que de ferro se vestia e entre o fogo lidava. Quem sabe se o alfageme de Santarem, que corregeu a espada de Nun'Alvares, assignou o seu nome nas taboas da confraria?! A não ser que o artista habil e propheta mais soubesse d'adivinhas e de espadas do que de lettras, decerto o fez porque só sabendo lêr e escrever se podia pertencer á irmandade de S. Jorge, que lembra um Marte do christianismo, egualado ao Condestavel pelo rei, não em dinheiro mas em honras, porque, se como homem de hostes carecia d'elle para o seu estado, como santo muito devia desprezar os bens terrenos.

Mas tambem honrarias nenhum outro santo as teve como elle. Desde seculos que entra na procissão do Corpo de Deus, esse estendal de pompas, hoje já abatidas.

No seculo XIV a cidade vestia-se de galas dias antes, as janellas enfeitavam-se e a procissão, mais pagã do que catholica, desfilava com os seus pendões altos de todos os officios, com os seus atabales, as suas danças, os seus cantares. A fradaria era um rastro; as gentes d'officio dominavam.

Vinham os hortelões do Restello, d'Alvallade, da banda de lá do rio, de Valverde e de Alcantara com grandes machinas figurando os seus hortejos, com noras e picotas, canteiros e alfobres, depois os vendilhões, os albardeiros, os almocreves e os moleiros, os ganha pães e os carniceiros que bailavam em roda de dois mascarados fingindo de rei e imperador; seguiam tambem os tecelões e os pelliteiros com a sua insignia, um gato montez a que chamavam *gato de paúl*. Depois, entre os oleiros, telheiros e vidreiros, vinham diabos bailando; os mercieiros, taberneiros e boticarios conduziam um gigante descommunal, os sapateiros escoltavam o dragão, os alfaiates a serpente, carpinteiros e calafates levavam uma nau, pedreiros uma catapulta, os armeiros um saggitario — symbolo do soldado peão—e, no fim, pantafaçudos e graves, os moedeiros, os corretores, os mercadores e os tabelliães. Entre o voejar dos pendões, as machinas que se alteavam; entre a turba de gente de mister, mulheres que bailavam em honra de Deus e em louvor de S. Jorge, que lá ia, como hoje, de lança em riste, com o dragão e a serpente deante do cavallo branco e ajaezado á hespanhola.

Maistar-

A imagem de S. Jorge, que figura na procissão do Corpo de Deus

de entraram a apparecer outras imagens por entre os pagãos attributos da festa. Os carniceiros levavam um touro pelas pontas, mas em compensação surgia S. Bartholomeu conduzido pelos tecelões, S. Miguel pelos latoeiros, Santa Clara pelos oleiros, S. João pelos ourives.

Foi então que a irmandade se lembrou — deante de tão modicos preços das preciosas rouparias — vestir maravilhosamente o patrono: envergaram-no de roupão com agulhetas d'oiro, encheram-no de laços, de fitas, de cintos berrantes, deram-lhe o ar d'um casquilho em vez de o fazerem o mais fero

S. Jorge e o Homem de Ferro na procissão do Corpo de Deus

Assim o santo subia sempre em honrarias e em pompas até que em 1610 uma fatal lei o ia reduzindo á sua condição de general que só de ferro devia vestir e só tinha direito ao andor e não á montada. Decretára-se um novo imposto sumptuario e baixára por isso o preço das sedas que ninguem vestia receiando a gula açambarcadora dos syndicos.

militar e assim o levaram á procissão. A meio do caminho os officiaes de justiça embargam a passagem, declaram prohibida tal pompa em nome da lei sumptuaria e S. Jorge, escancchado no cavallo, de lança no ar, é levado para o adro da egreja — elle, o bravo, fugindo á vara da justiça! — e do terreno sagrado pompeou as suas galas e zombou do fisco; depois, sempre altivo, seguiu óvante entre

a sua gente que o desfeiára, que lhe roubára a mais cara das qualidades do militar: o typo marcial!

Tambem o arcebispo D. Miguel de Castro, de combinação com certo mordomo do santo, deliberára n'esse anno que no seguinte festejo S. Jorge não fosse a cavallo. Era uma affronta. Tomavam-no por um casquilho por causa do seu trajo?! Quando chegou em frente da rua da Padaria o cavallo parou; não havia maneira de o arrancar d'ali; debalde o puxavam, sem resultado, debalde lhe açoutavam os flancos; o corcel estava no mesmo sitio e o santo atarrachado á sella! Viu-se então n'aquillo um designio birrento de S. Jorge a oppôr-se teimosamente ás idéas do arcebispo! Não se queria vêr apeado! Isso seria um cumulo!

Mas ainda d'uma forma mais grandiosa e mais em harmonia com as suas qualidades guerreiras soube impôr a sua vontade. No domingo seguinte, á hora da missa, o mordomo do estandarte, cumplice do arcebispo n'aquella traição, estava de rastos deante do altar a penitenciar-se, talvez receiando o general. O templo regorgitava; o santo em toda a sua gloria, vestido como um gentilhomem, o chapéu cravejado de pedras preciosas, recebia os affectos dos sacerdotes, mas não aceitava decerto as desculpas do mordomo. No seu fôro intimo, como homem de disciplina, sentenciava-o, condemnava-o e executava a sentença. N'um repente o batalhador move-se e cae de lança em riste a espetar a cabeça do mordomo, que ficou por terra, banhado em sangue, a amaldiçoar a sua idéa e a severidade militar com que o puniam.

Nunca se soube se algum roedor d'esses que costumam anichar-se no altar e mesmo no corpo do santo, como succedeu ha pouco, n'uma passagem mais buliçosa, n'uma fugida mais lepida e porque o guerreiro estivesse em falso o fez tombar do altar. Soube-se apenas do milagre, da ferida grave do mordomo e do terror do arcebispo, que declarou logo, rendido e confuso, que não se alteraria nunca essa procissão de S. Jorge: a egreja pactuou ainda uma vez deante do exercito e o santo com a lança disvirginisada pelo sangue fidalgo do mordomo, continuou a sahir a cavallo ao som das charamellas, dos pifanos e dos tambores do seu estado e entre as danças dos *foliões d'Arruda*, que batucavam em pandeiros e das *frielleiras*, mulheres de Vialonga e de Friellas, que bailavam a *chaconia*, uma dança mourisca toda de requebros e de langores.

◉

D. João V, pezando-lhe vêr ainda tanto paganismo em tão sacro cortejo, deliberou modifical-o e dar-lhe maior pompa, mas essa toda de religiosidade como convinha a um rei frequentador de mosteiros. Foi em 1719 que isso se fez pela primeira vez.

O Santo foi habitar a patriarchal junto ao Paço da Ribeira.

Logo ás 5 da manhã de 8 de junho veiu o patriarcha com o seu estado em coches

O estandarte de S. Jorge

A armadura do Homem de Ferro

A espada de S. Jorge

sumptuosos, eguaes aos do rei, e ás 7 já a procissão estava em marcha, levando á frente as bandeiras dos officios e da Casa dos Vinte e Quatro. Algumas das bandeiras eram tão pesadas que era necessario revezar os homens que as conduziam de quarto em quarto de hora. Seguia-se logo o santo com o seu estado: vestia armas brancas, de prata; o chapéu era cravejado de pedras magnificas, os arreios do cavallo tambem em prata: o *homem de ferro* brilhava ao sol com a sua armadura forte e polida, o pagem estava vestido n'um trajo onde se viam muitas pedras preciosas. Os tambores iam a pé, os charamelleiros a cavallo e mais doze trombeteiros a pé sopravam, em instrumentos de prata, a marcha do santo, que é velha a ordem de carregar do tempo das batalhas d'arma branca. Quarenta e seis cavallos dos melhores das coudelarias reaes, ajaezados esplendidamente, eram levados por palafreneiros com librés de gala, e seguiam-se então cento e dez confrarias e dois mil e quinhentos irmãos do Santissimo. Uma creança, vestida como um S. João e rodeada por outras figurando anjos, despejava flôres.

Vinham logo os Meninos Orphãos e seiscentos Terceiros do Carmo, a Curia, os Tribunaes, as ordens militares, pagens e capellães do patriarcha, quarenta cantores, dois clavicularios e dois tenentes da guarda real. Erguia-se a cruz do patriarcha e seguia-se o cabido. Vinte conegos mitrados levavam sessenta servos, tres por cada: um para o chapéu, outro para a tocha, outro para a cauda. Só, então, vinham seis fidalgos parentes do patriarcha e toda a sua casa, o pallio, a cujas varas seguravam, com o rei e com os infantes, os Cadavaes e os Lafões. O conde d'Avintes acaudatava o patriarcha seu irmão, e entre a realeza mais grada, com as guardas portugueza e allemã, os regimentos de Peniche e de Setubal, a procissão foi até S. Domingos e voltou pela Sé para a Patriarchal, expondo pela primeira vez o berrantismo das basilicas que admiravam toda a gente e que symbolisavam as tres egrejas reaes: Sé, Coração de Jesus e Mafra!

O cavallo de S. Jorge

Mas o soberano envelhecia; já não podia acompanhar a procissão senão até S. Domingos. S. Jorge passava da Patriarchal para aquella egreja e d'ali para o hospital de Todos os Santos, e quando este ardeu em 1750 recolheu a Santa Cruz do Castello, como lhe competia na sua qualidade de senhor do castello de Lisboa.

Decerto porque os reis acompanham a pé a procissão, mas parecendo que o symbolo guerreiro de S. Jorge instiga attentados sangrentos, já algumas vezes tem estado para correr sangue real no dia do Corpo de Deus. D. João II escapou em Setubal, no bairro do Troino, ás iras dos conspiradores quando acompanhava a procissão; D. João IV salvou-se da escopeta de Domingos Leite ao acompanhar o cortejo, na rua dos Torneiros de Lisboa, e no tempo de D. Maria II, quando o povo clamava contra D. Fernando, uma medalha salvou Sá da Bandeira da bayonetada do energumeno que o atacava ainda em plena procissão.

Agora está perdida a pompa. Diz-se que Junot levou os brilhantes do chapéu de S. Jorge, mas houve tantos crimes d'este jaez attribuidos aos invasores e que depois se provaram d'outra forma que pomos o ca o de reserva. A procissão faz-se n'um arremedo do que era ainda no tempo de D. Maria I; a familia real assiste, o rei e o infante acompanham-na segurando as varas do pallio, ainda o *homem de ferro*, cuja armadura peza uma arroba, segue o santo com o pagem a troco de uns dois mil e quinhentos, ainda a guarnição de Lisboa sauda S. Jorge e ainda nas cavallariças reaes ha um cavallo destinado ao seu serviço, mas de toda a grandeza do passado, de todos os symbolos, de todas as pompas, só ficaram os charamelleiros negros com a sua marcha guerreira e a continencia da guarnição do castello ostentando a sua patente militar, a sua qualidade de general das armas e de patrono dos exercitos, que se atarracha n'uma sella para lhe apresentarem as armas, como se fosse um cabo de guerra a valer ou uma bandeira gloriosa, esse general que jámais será attingido pelo... limite d'edade.

ROCHA MARTINS.

A AUTHENTICIDADE DE GRÃO VASCO

O «S. Pedro» da Sé de Vizeu
[CLICHÉ DE PEREZ & FILHO]

Questão largamente debatida, mas infelizmente jamais fixada, esta do Grão-Vasco, formou-se-lhe em redor um tamanho labyrinto de hypotheses tão repudiaveis, umas por pretenciosas, outras por disparatadas, que, muito longe de a pôrem em via de solução, se a não asphyxiaram por completo, arrastaram-na pelo menos para um campo inteiramente opposto e desorientador.

Contribuiram para isso poderosamente as divergencias e as restricções do pouco de elucidativo que se aufere dos nossos antiquarios,—divergencias e restricções taes que, tornando bem problematica a identidade do grande pintor, degeneraram quasi n'uma perfeita negação da sua existencia.

Depois, as controversias dos criticos acabaram de desnortear, porque, em presença da nossa crassissima ignorancia em arte, como de resto em tudo, foram estrangeiros os primeiros a pronunciarem-se sobre o assumpto. E se d'elles alguns possuiram a plena consciencia do que apregoaram, a maior parte, n'um snobismo elegante de *touristes entendidos*, sómente se desentranhou em imbecilidades incriveis que á viva força quizeram impôr e dogmatizar.

Ora é balda velha em Portugal o acatar-se religiosamente ainda a sandice mais inqualificavel logo que ella venha rotulada lá de fóra. Foi isto precisamente o que aqui nos succedeu, porque era precisamente isto o que então se dava a cada instante para mal das nossas coisas, que d'este modo, monopolisadas em mãos de estranhos, andavam mesmo de rastos, ennovelladas n'um *mare magnum* de erudição balofa, attestadas n'um pavoroso turbilhão de pedantismos sentenciosos.

Cahiu-se, pois, de contradicção em contradicção; e — consequencia logica — começou a levantar-se

essa obstinada corrente de duvida que, n'um *crescendo* espantoso, por ahi se observa em volta da questão, tendendo a absorvel-a de vez.

O Grão-Vasco, transformado em mytho e attribuida a sua obra a pintores flamengos de passagem entre nós, passou a olhar-se apenas como uma legendaria e suprema encarnação do nosso genio artistico n'esse periodo aureo da Renascença em que a gente portugueza tão brilhante e independentemente o vitalisou em manifestações immorredouras, que lhe marcaram um logar inconfundivel na grandiosa resurreição da familia latina.

Encarado e definido assim o Mestre, desfizeram-se de prompto as suspeitas optimistas d'uma escola de pintura, nossa, que, muito embora filha legitima da primitiva escola flamenga, se atraiçoava por um cunho autonomo accentuadamente differenciado e caracteristico, e que, centralisada em Vizeu, berço provavel do seu patrono, se tivesse irradiado por todo o paiz.

Mas, apezar d'uma razão tão destacante e tão convincente como esta era, a nada se attendeu; e, estribando-se em não sei quê, *decretou-se urbi et orbi*, como é costumeira antiga na nossa boa terra, que o Grão-Vasco e a sua escola não eram mais que umas reles teias d'aranha, refugiadas *in-extremis* na convicção intransigente de dois ou tres conservadores *enragés*.

Apoderara-se de todo o espirito iconoclasta da Irreverencia; e, radicada a negação, sob o dominio d'uma obsessão inexplicavel, expulsava-se dos santuarios da Patria a gloriosa figura de Vasco Fernandes. Todavia, reagindo contra esta suffocante atmosphera de descrença e de demolição, alguem houve que prevaleceu na sua fé. Foi o respeitavel professor do lyceu de Vizeu sr. dr. Maximiano d'Aragão, que, concentrando-se n'uma investigação aturadissima, ao cabo de muitas canceiras e de muitos desalentos, sem duvida, poude emfim arrancar ao pó do archivo diocesano as provas irrefragaveis da existencia de Grão-Vasco. Vieram de seguida as da sua obra e da sua escola. E hoje que constituem factos incontestaveis, delineio sobre tão preciosas descobertas o presente estudo, de synthese apenas, destinado tão sómente á vulgarisação que ellas requerem e que só nas paginas da *Illustração* encontrariam.

©

A um quarto de legua para o norte de Vizeu, na freguezia suburbana de Sant'Iago de Abravezes, sumidas nas pregas d'uns rochedos e a cavalleiro d'um pequeno regato, depara-se com as ruinas d'uma azenha, designadas unanimemente por «*Moinho do Pintor*». Reza a tradição local que ali, n'uma pobre choupana de que mal se percebem os alicerces, nasceu João Vasco e d'ahi o chamarem-lhe «*Moinho do Pintor*».

Sustentava-se o pae da sua profissão de moleiro, que muito escassamente lhe rendia o sufficiente para uma vida apertadissima de trabalho e de privações. Valia-lhe, porém, a protecção d'alguns freguezes e, nomeadamente, a d'um fidalgo da primeira nobreza da cidade que se lhe empenhava vivamente pelo filho que, desde creança, revelara logo uma decidida vocação para a pintura.

O «Baptismo» de Grão Vasco na Sé de Vizeu
[CLICHÉ DE ALFREDO GOMES]

E a tradição acrescenta ingenuamente que o pae, uma tarde, ao regressar do burgo, se illudira de tal maneira com um burro, carregado de taleigos, que o rapaz esboçara na porta da azenha, que, tomando-o pelo da casa, correra a enxotal-o para dentro.

O moleiro não gostava muito, — valha a verdade! — que elle se entregasse a estes entretenimentos que lhe levavam o tempo, roubando-o ás suas obrigações domesticas, a ponto de se ficar horas esquecidas nas egrejas, extasiado deante dos quadros que já por lá havia, quando por acaso ia em serviço á cidade. Em tintas, então, gastava tudo quanto lhe dessem! Mas, á vista do *burro*, que lográra enga-

O «São-Braz» de Grão-Vasco
[CLICHÉ DE ALFREDO GOMES]

nal-o, o homemsito não se conteve; procurou o tal fidalgo e, cheio d'alvoroço, informou-o do que lhe acontecia.

O fidalgo, que n'uma outra variante é o bispo, não quiz ouvir mais nada:—pegou do mocinho e mandou-o a expensas suas estudar para o estrangeiro.

E a tradição aqui, pormenorisando como sempre, narra como Vasco no estrangeiro, enchendo a todos de espanto com a sua prodigiosa aptidão, se impoz á admiração geral, que não tardou a consagral-o como um dos pintores mais eminentes da epoca. Assim, uma vez, foi um pobre que lhe pediu uma esmola. Vasco não tinha de seu nem um real, mas «pintando em um panno boccados de pão e cebolas, entregou-lh'o, dizendo que o vendesse e que ficasse com o preço, o que o pobre fizera, obtendo por elle dez moedas.»

D'outra, «quando o mestre de Vasco fôra jantar, este lhe escondera os chinellos, depois de os haver pintado no logar em que haviam ficado, e voltando o mesmo e indo para calçal-os, só reconheceu o engano quando com as mãos tocou a pintura.»

E como estas, muitas outras anecdotas, que, não obstante no fundo as mesmas, apparecem todavia a cada passo sob novas etiquetas, e a que eu não deixo de ligar certa importancia, pois, ainda que muito vagos e indirectos, os considero como subsidios valiosissimos que, unicamente d'origem popular, sem nenhuma precedencia litteraria, viriam valorisar altamente a tradição erudita, enveredal-a até para a verdade da questão. Porque, em summa, é facil de vêr que não subsistiriam assim, com aquelle sabor de realidade que, afóra todas as suas ingenuidades, todos os seus exaggeros, palpita bem claramente n'ellas, se não resultassem de um facto, incondicionalmente indubitavel, que impressionando fortemente o meio, de todo refractario, as tivesse fatalmente provocado.

O Grão-Vasco achava-se n'este caso.

Influenciando activamente em torno a si, attentas as circumstancias deveras excepcionaes em que a sua individualidade se affirmaria, havia de actuar necessariamente de tal modo na imaginação do povo, ferindo-a com tanta intensidade, que, indo-se reflectir immediatamente na lenda, originaria por seu turno uma lenda propria.

Rigorosamente sujeita ás leis da historia, essa lei seguiria a sua evolução natural, ramificando-se ao mesmo tempo, em consequencia das disposições então predominantes, umas mais receptoras do que as outras. D'aqui todas as suas variantes, que ao depois se fundiram n'uma só:—a localisada no «*Moinho do Pintor*», mas das quaes ainda se notam vestigios bastante apreciaveis. Por isso, não é para admirar que aquella, vingando, se transmittisse ininterruptamente com a feição primitiva durante tres seculos e meio e que bastasse para authenticar a personalidade de Grão-Vasco. Não era preciso mais do que uma ligeira, mas conscienciosa comparação com a tradição erudita, com a qual, áparte umas insignificantes discrepancias, joga perfeitamente.

Em reforço, accresce tambem que nos introitos do seculo passado, residia em Moiredo Carvalhal um lavrador de nome Antonio Fernandes, que, «sendo já muito velho contava a seus filhos e netos que na sua familia tinha havido um pintor de grande fama, a que chamavam o Grão-Vasco pelas

maravilhas que tinha feito em pintura e dizia-lhes que, quando fossem á Sé de Vizeu, reparassem nos quadros que lá havia, que tinham sido feitos por elle.»

Ora isto é de hontem. Anda na bôcca de todos e gente vive que o ouviu á familia de Antonio Fernandes. Não carece de commentarios. Impõe-se naturalmente. E quando outra não houvesse, seria exclusivamente por si, a meu vêr, a garantia absoluta da tradição cral. E agora, sabida esta, torna-se impreterivel o conhecimento da erudita. Resumil-a-hei, portanto, n'uns breves traços, e então, postas as duas em confronto, o leitor precisará mais nitidamente o que acima fica dito.

◉

As mais antigas referencias que corriam ácêrca de Grão-Vasco tinham-se encontrado, uma n'um testamento de 1613, de um dr. Jorge d'Almeida, e ortra n'um manuscripto tambem seiscentista, intitulado: *Dialogos moraes, historicos e politicos. Fundação da cidade de Vizeu. Historia dos seus bispos... Dedicados á Virgem Nossa senhora da Assumpção... e compostos por Manuel Ribeiro Botelho Pereira... An. MDCXXX.*»

Este manuscripto pertenceu a Thiago de Napoles de Noronha e Veiga, da casa morganatica da Prebenda e de Moira, que usufruia direitos senhoriaes sobre o «*Moinho do Pintor*». O original extraviou-se, mas conservam-se d'elle algumas copias, e entre ellas uma na bibliotheca publica de Lisboa.

Ambas as referencias assignalam a Grão-Vasco, como appellido, o patronegenico *Fernandez*, que afinal está assente ser o verdadeiro e que, embora o não estivesse, mereceria todo o credito, visto que, tanto Manuel Botelho, como o dr. Jorge de Almeida, deviam ter sido quasi seus contemporaneos.

Depois, os referentes abundam, mas não primam pela coherencia.

Citarei Fr. Agostinho de Santa Maria que no 6.° volume do seu «*Santuario Marianno*», impresso em 1716, mais d'uma vez allude a Grão-Vasco, adjectivando-o de «*insigne*»; Diogo Barbosa Machado que em carta laudatoria, que o conde de Raczinsky insere no «*Les arts en Portugal*», o menciona como «*corypheu da pintura entre nós;*» e finalmente, Pietro Guarienti, inspector da galeria de Dresde e que assistiu em Portugal de 1733 a 1735, na edição que fez do «*Abecedario Historico*» de Antonio Rolandi.

Roland le Virloys no «*Dictionaire d'Architecture...*» (Paris, 1771), D. Fr. Manuel do Cenaculo nas «*Memorias do pulpito*», e outros muitos escriptores e eruditos, nacionaes e estrangeiros, se occupam d'elle, sem lhe apontar appellido, ou então discordando horrivelmente e a todos os respeitos.

Comtudo, a opinião mais seguida, afastando-se de Botelho Ribeiro, chama-o Vasco Manuel e declara-o afilhado de Vasco Fernandes do Casal, com quem o chegaram a identificar, passando tambem por seu filho bastardo.

Este Vasco Fernandes do Casal era filho de Francisco Coelho de Campos, capitão general de Vizeu, Besteiros e Lafões, e de sua mulher D. Maria Fernandes do Casal, prima do bispo-conde D. Gaspar do Casal. D'elle descendem os Pessanhas-Vilhegas; e, senhor do morgado de Guimarães, foi fidalgo da casa real e moço de camara d'el-rei D. João III, que lhe concedeu as rendas do

«São Jeronymo», quadro de Grão Vasco
[CLICHÉ DE ALFREDO GOMES]

bispado de Vizeu, confiscadas a D. Miguel da Silva,—o celebre «*Cardeal-sem-Vizeu*».

O linhagista Diogo Gomes de Figueiredo diz Vasco Fernandes avô de Vasco Fernandes do Casal e, para o distinguir d'elle, oppõe-lhe a antonomasia —«o Velho»; outros apparentam-no com os Carvalhos. Confundiram-no tambem com Vasques de San-Lucar, que se assignava *Vasco Luzitano* e de quem se guarda n'um museu hespanhol um quadro de 1562, e com Vasco Pereira, que trabalhou em Sevilha de 1594 a 1598.

Francisco de Souza Loureiro, director da Academia de Bellas-Artes, em discurso recitado aos 22 de dezembro de 1843 n'uma sessão triennal da mesma academia, asseverou que o Grão-Vasco era simplesmente um Vasco qualquer, creado de Luiz Santos, que D. Affonso V nomeára illuminador da côrte por carta regia de 7 de março de 1455. Cyrillo Wolkmar Machado dá-o vivendo em 1480, anno em que compráraus moinhos nos arrabaldes de Vizeu. Raczinsky differencia o pintor Grão-Vaso do pintor Vasco Fernandes. E Oliveira Berardo, antiquario viziense, desmentindo tudo isto e fundando-se n'um assento de baptismo de 28 de setembro de 1552, d'um Vasco, «*filho de Francisco fês pointor e de mª amrriques*», sem mais tir-te, nem guar-te, proclama este homonymo o nosso pintor e indica o reinado de D. Sebastião como periodo seguro da sua actividade artistica. Por seu lado, o sr. Theophilo Braga fixa-lhe essa actividade no ultimo quartel do seculo XV, pintando para a Sé de Vizeu durante o episcopado de D. Fernando Gonçalves de Miranda.

As mesmas hesitações, as mesmas divergencias, ácêrca da sua educação artistica. Berardo d'Oliveira encarece a hypothese de que Vasco Fernandes fosse patrocinado n'ella por Vasco Fernandes do Casal; o sr. Theophilo Braga lembra o referido bispo D. Fernando.

O «Calvario» de Grão Vasco
(CLICHÉ DE ALFREDO GOMES)

Estas duas hypotheses casam-se com a tradição popular e são completamente acceitaveis, mas não ha motivo que nos conduza a especialisar uma, porque, sob este ponto de vista, nada de positivo se obteve ainda até agora. Comtudo, a primeira satisfaz mais um pouco á tradição oral e á tradição erudita.

Quanto ás hypotheses, tambem formuladas, da subvencionação real, quer por D. Affonso V ou D. João II, quer por D. Manuel ou D. João III, acho-as totalmente falhas de bases, assim como anachronica a de Raphael ter sido o mestre de Grão-Vasco, cuja obra accusa influencias directas só de Alberto Durer e, mais secundariamente, de Perugio.

Uma verdadeira trapalhada, que redunda no obscurecimento da questão, que se resolve sobre si, n'uma inconsequencia pegada, de enlouquecer a quem se aventure a destrinçal-a!

*

Estavam as coisas n'este pé quando o sr. dr. Maximiano d'Aragão, trazendo em preparo o terceiro volume do seu *Vizeu*, pensou em colher para elle alguns elementos novos e mais incontroversos sobre a questão. Com tanta felicidade o pensou e com não menos felicidade o pôz em pratica que conseguiu desvendar quasi toda a verdade, deixando a plena luz a longinqua e indecisa individualidade de Vasco Fernandes.

«Como uma das paginas mais interessantes d'esse volume, — informa o illustre archeologo, — seria a que se occupasse de Grão-Vasco e da sua escola, pareceu-me que as questões respectivas continuariam muito obscuras, se me limitasse a summariar o que sobre ellas estava escripto.

«Por isso resolvi intentar mais algumas pesquizas no archivo da Sé de Vizeu, ainda que com bem poucas esperanças de as vêr coroadas de bom

exito, visto que elle já havia sido revolvido pelo sabio e infatigavel investigador, o antiquario José d'Oliveira Berardo.

«Começada a tarefa, vieram-me ás mãos varios cadernos manuscriptos em que se achavam relacionadas muitas localidades e os nomes das pessoas que n'ellas pagavam *dizimos*, e cinco livros, tambem manuscriptos, o *tombo* do cabido, em que estavam copiadas differentes escripturas de emprazamentos. Conjecturei que em qualquer d'esses cadernos e livros poderia encontrar o nome do nosso pintor, porque, embora elle tivesse sido pobre, não o deveria ter sido tanto que não possuisse alguns bens, que não podiam subtrahir-se á natureza ou de foreiros ou de diz'meiros. E certo estava de que, se fossem situados dentro dos muros da cidade, deviam ter sido foreiros ao cabido, porque conhecia a doação que a este fez a rainha D. Thereza e que transcrevi no primeiro volume do meu *Vizeu*. Passei, pois, a examinal-os minuciosamente.»

A tão paciente busca corresponderam resultados fóra de toda a espectativa. O sr. dr. Aragão alcançou attingir o fim desejado, seguindo por documentos, passo a passo, a despeito dos homonymos que o cercavam, o glorioso pintor de 1512 a 1541 e sua familia desde aquelle anno até 1558. Apurou que elle, de 1512 a 13 de setembro de 1541, fôra emphyteuta e o cabido viziense directo senhorio d'uma casa na rua da Regueira, sobre a qual recaía o fôro annual de 60 réis e de dois capões; que de 1539 a 1541 tambem fôra emphyteuta e o mesmo cabido directo senhorio d'uma vinha ao Pesseguido, na possessão de Orgens; que fôra o proprio Vasco Fernandes que em 1535 pagára o fôro e que em 1540 o mandára pagar por sua filha Beatriz; que em 13 de setembro de 1543 já elle tinha fallecido, sendo o recibo do fôro d'esse anno a Joanna Rodrigues *«molher que foy do dito Vasco Fernández»*; que nos ultimos tempos da sua vida ou já depois da sua morte o dominio util da casa da rua da Regueira passára a Amadio Tavares, meirinho da Correição; que Vasco Fernandes teve um filho, chamado Miguel Vaz, que por ordem de sua mãe pagára o fôro em 1555; que Vasco Fernandes se appellidava simplesmente *Fernández;* que exerceu a sua profissão, pelo menos, trinta annos; que sua mulher era natural do Almargem, freguezia de Calde, do concelho de Vizeu e na margem direita do Vouga; que a vinha ao Pesseguido lhe viera ao poder pelo casamento; e que elle morrera pobre e pobre vivera sua viuva, «já porque, ainda em vida d'elle ou poucos mezes depois da sua morte, as casas em que habitava passaram *por compra* para Amadio Tavares, já porque n'essa occasião, 1542, essas cassas se achavam mal reparadas, e ainda porque em 1558 Joanna Rodrigues não podia pagar o fôro dos dois capões, que o conego Fonseca tomou á sua conta.»

«São João explicando o symbolo da Besta apocalyptica a Santo André», quadro de Grão Vasco na Sé de Vizeu
[CLICHÉ DE ALFREDO GOMES]

Os documentos comprovativos d'estes factos publica-os na integra o sr. dr. Maximiano d'Aragão na memoria que em 1900 publicou sobre o Grão-Vasco. (1)

Quanto ao local do seu nascimento nada de preciso se obteve; porém, a circumstancia de lhe ter pertencido um casal em Sanguinhêdo da Cotta, povoação tambem do concelho de Vizeu, leva-nos a admittir a tradição que o diz nascido no *Moinho do Pintor*, ou uma outra mais apagada, que aponta Lardoza, povoação limitrophe do Almargem, como seu berço. Quanto á sua morte, é possivel que tivesse occorrido em Thomar, ainda conforme a tradição. E authenticada para todos os effeitos a identidade de Vasco Fernandes, passemos agora a verificar a authenticidade da sua obra.

*

Em 1843 o visconde de Balsemão elaborou para o conde de Raczinsky uma lista dos quadros attribuidos a Grão-Vasco. Segundo essa lista, são 92, espalhados por esse Portugal em fóra. Comtudo, parece que o numero é superior, havendo em semelhante attribuição um evidente exaggero, cuja discussão não vem para aqui. Tratarei apenas dos quadros da Sé de Vizeu, a saber:—«*S. Pedro, Calvario, Baptismo de Christo, Martyrio de S. Sebastião* e *Pentecostes*», e 12 de dimensões menores que, quando os quatros grandes, actualmente na sacristia, estavam nos respectivos altares, lhes serviam de predellas a series de tres.

N'um livro de contas da confraria de S. Pedro, de 1565 a 1625, no anno 1606-1607, fazendo o conego Luiz Ferreira, que servira de reitoria, entrega do seu cargo ao novo reitor, o conego Antonio Madeira, no relatorio apresentado pelo primeiro, lê-se:—«... *Dei de offerta ao bem aventurado Santo todo o ornato do retabollo tirado a pintura que não mandei pintar de novo por ser feita por mão de Vasco-frei, o qual mandei alimpar e retocar algumas cousas e tambem mandei ajuntar e grudar as aberturas que tinha em fórma que se não enxergão e ficou tão bom que me pareceu ser ero grãde mandar fazer outra pintura que os pintores deste tempo confessão que não se fará outra tamboa, tam-erfeita e bem acabada...*»

D'esta restauração ha signaes pronunciadissimos; e pela transcripção vê-se «que a pintura do retabulo foi feita por Vasco Fernandes e que seria grande erro mandar fazer outra» que não seria tão boa, tão perfeita e bem acabada», segundo confessaram os pintores d'aquelle tempo.

Grande, grandissima é a força, importancia e valor d'este documento. Escripto 64 a 66 annos depois da morte de Vasco Fernandes, succedida entre 13 de setembro de 1541 e egual dia de 1543, deve-se reputar coêvo. E... qualquer dos seus signatarios podia ter conhecido o grande pintor e, quando tal não succedesse, dar-se com pessoas que o conhecessem e com elle privassem.

Confirmada tão intensivamente a filiação do «*San Pedro*», está por natureza confirmada a dos quadros subsequentes, onde impera o mesmo cunho pessoal e naturalista, vigoroso e grave, e onde a sinceridade da observação, poder descriptivo e o realismo da côr são os mesmos, bem como a perfeição inexcedivel dos pannejamentos e firmeza rara do traçado. Accresce que o modelo do «*San Pedro*» e outros encontram-se frequentemente repetidos. Depois, quando isto não fosse bastante para calar duvidas, a recente descoberta do monogramma estylisado de Vasco no «*San Pedro*», cuidadosamente disfarçado n'um motivo ornamental de um mosaico no quadro, arremessal-as-hia por terra.

No «*Calvario*», que a calcagem que Raczinsky lhe imprimiu para lhe obter o contorno deteriorou irremediavelmente, depara-se tambem com monogramma artificiosamente formado pela sobreposição d'uma costella a um femur; e no «*San Sebastião*» é probabilissimo que o cruzamento d'uma frecha e d'um carcaz seja intencional.

Não é caso para estranhar que o Grão-Vasco se servisse d'estes processos para rubricar os seus quadros. Estavam no gosto da epoca. E poucos eram os pintores que assim mesmo os rubricavam. Só Alberto Durer é que se assignava abertamente com as suas iniciaes. Vasco tambem o fez no «*Descendimento da Cruz*», que pertenceu ao pintor viziense Antonio José Pereira.

E' muito possivel tambem que uma figura de burguez do seculo XVI, com o seu chamalote e o seu gorro, da praxe, olhar parado, expressão significativa, que se salienta do agrupamento do «*Calvario*» n'um visivel proposito de despertar a attenção, seja o retrato do auctor,—egualmente vulgarissimo no tempo.

Do «*San Pedro*» existem duas variantes, em Tarouca e Tondellinha, e talvez mais acabadas. Do «*Pentecostes*» uma em Santa Cruz de Coimbra, mas mais frouxa. Robinson descobriu n'ella a assignatura de Vasco em latim:—Velascus.

Na capella, onde está exposto o «*Calvario*», erigida pelo conego Pero Gomes de Abreu para seu jazigo, acha-se o cenotaphio de D. João Vicente,—o «*Bispo santo do Azul*», instituidor da congregação dos Loyos e cujo corpo os conegos evangelistas roubaram para o seu convento de Evora. Finou-se o prelado com cheiro de bemaventurança e emquanto ali jazera o tumulo reçumava-lhe em virtude da decomposição. Era balsamo miraculoso o reçumo, que todos recolhiam devotamente; e a lenda diz que o Grão-Vasco o deitava

A Sé de Vizeu

nas tintas para que ellas adquirissem a côr fulgurante e unica que ostentavam.

Sobre as hypotheses que naturalisam estes quadros flamengos, denunciando-os como de João Van-Eyck e de Memeling, que estiveram em Portugal, direi apenas que são insustentaveis. E se porventura as póde soccorrer muito tenuemente, por exemplo,—o typo das construcções que apparecem em Vasco Fernandes, que é o typo das construcções do norte e que traduz tão sómente reminiscencias da sua viagem á Flandres, ha a oppôr-lhes os modelos, genuinamente portuguezes e essencialmente beirões, em particular os femininos, que chegam a um regionalismo puro, apresentando o facies dolorido e avelhentado que ainda hoje subsiste nas mulheres de Moire, onde assenta o «*Moinho do Pintor*»; o mobiliario, rico da classica cabaça; a indumentaria e, por ultimo, até a flora, rompendo em uma esplendida exuberancia de «*linguas-de-vacca*!»

Tudo, tudo, vincula e acclama uma nacionalidade flagrantissima.

«Martyrio de San-Sebastião», quadro de Grão-Vasco na Sé de Vizeu
[CLICHÊ DE ALFREDO GOMES]

Além d'isto, as taes hypotheses, ridiculamente engalanadas de espalhafatosas presumpções, symptomatisam desconhecimento absolutissimo das noções mais rudimentares d'Arte. Attribuindo a João Van-Eyck, especialmente, a obra de Grão-Vasco, accusam uma ignorancia inclassificavel, que bem poderiam ter occultado. E senão vejamos: Os quadros de Vasco Fernandes, opulentos d'um naturalismo pessoal, anima-os d'uma vida extranha a orientação profundamente religiosa da sua arte, que os unge d'uma candura e d'uma elevação muito acima do commum. A João Van-Eyck, que foi sobretudo um pintor de retratos, falta-lhe, pelo contrario, o sentimento religioso, que predomina em Vasco, o que os differencia radicalmente. Acontece tambem que Grão-Vasco recebeu influencias de Perugio, e Perugio nascera em 1446, cinco annos após a morte de João Van-Eyck em 1441. Razões artisticas e razões historicas!

De Memeling é que com algum motivo se podem julgar os quadros da sala capitular da Sé de Vizeu e que passam por serem tambem de Vasco, o que não me parece muito verosimil, pois se desviam da sua maneira geral. Declaradamente flamengos, é, porém, certissimo que exerceram n'elle influencias notaveis, suggerindo-lhe talvez as pregas angulosas e syntheticas e os toques de luz tripartida, que lhe são peculiares.

◉

A actividade artistica de Grão-Vasco, que foi grande, resultando da emoção do ambiente em que se manifestava, acordou nos seus conterraneos o amor pela arte, abrindo ensejo á formação d'uma pequena escola.

Provam-no os immensos quadros, disseminados e esquecidos por esta Beira, e aagglomerando-se profusamente em roda de Vizeu.

Integrando a sua maneira geraal na do Mestre, esses quadros affirmam uma maaneira particular variadissima que, correcta e sereena, garante um artista consummado. E em abonoo da escola concorre que a maior parte d'elles foi pintada «no proprio logar em que se encontraam, como é facil de averiguar pelos rebordos não só da pintura, mas dos apparelhos que se encostatam e terminam junto aos caixilhos dos altares.»

Simultaneamente de documentoos quinhentistas surge-nos toda uma dynastia de ppintores:—Antonio Vaz, Manuel Vaz, Gaspar VVaz, João Diniz, etc., etc. E Gaspar Vaz talvez fossse filho de Vasco, que teve um filho Gaspar, e a ccuja familia não era alheio o appellido Vaz, havenddo-nos já referido a um outro seu filho, Miguel, qque o usava.

◉

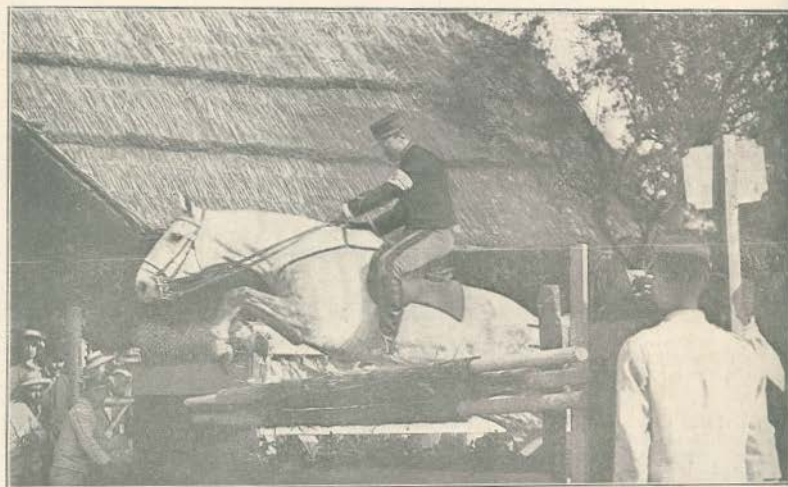
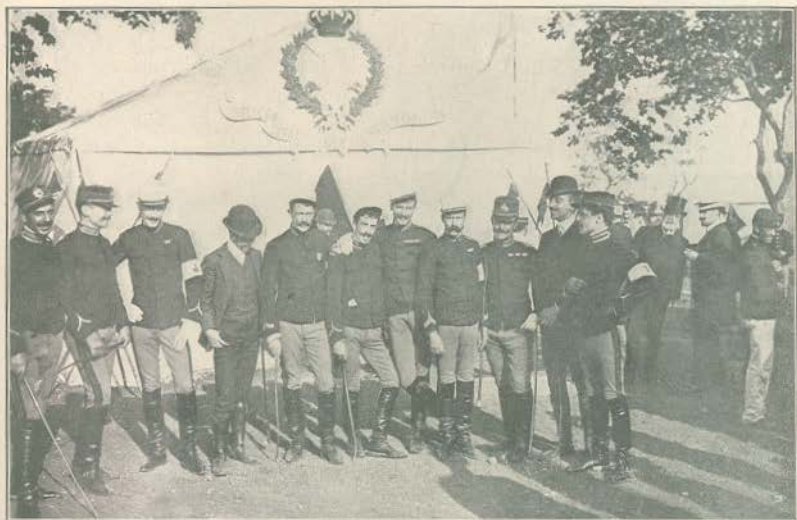
Longo vae este meu artigo. EE' forçoso, pois, findar, e com bastante magua mminha, que muito de inedito, de interessante e de valioso fica por dizer. Reserval-o-hei talvez para umm estudo futuro, quando menos d'afogadilho e mais ssenhor de espaço e do assumpto, me seja permittido tratal-o como o merece. Para então a critica da obrra de Grão-Vasco. E por agora, de resto, apenas uuma explicação:

As pessimas condições de luz eem que os quadros jazem e que desastradamentee lhe annullam toda a belleza, impedem-nos de oobter photographias capazes. D'ahi a deficienciia e a restrição da *illustrabilidade*,—consinta-se o neologismo—, d'este estudo.

Vizeu, 2 de junho de 1906.

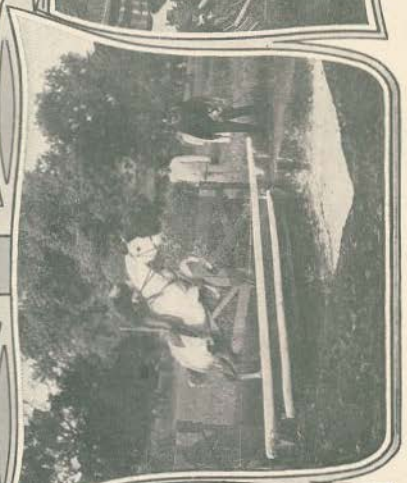
ANTONIO SARDINHA.

O Concurso Hyppico na Tapada da Ajuda

O pavilhão Real na Exposição Hippica
El-rei, o Principe Real e o sr. Infante D. Affonso assistindo á largada do sr. Castro Pereira

O sr. alferes Velloso saltando no cavallo «Adamastor» um obstaculo de 1.^{m} 65
(CLICHÉS DE BENOLIEL)

Os concorrentes ao concurso hyppico

Srs. alferes Velloso, Almeida, D. Jorge de Mello, tenente Estevão Wanzeller, alferes Callado, tenentes Ramos, Reis e Alvaro de Mendonça, José Mousinho de Albuquerque e alferes Casal Ribeiro

O sr. tenente Estevão Wanzeller saltando um obstaculo no seu cavallo Lebrein

(CLICHÉS BENOLIEL)

1—O sr. Alferes Velloso saltando um obstaculo no cavallo «Frontino» [1.º premio] 2—O sr. José Mousinho d'Albuquerque no cavallo «Kiss» [2.º premio] 3—O sr. tenente Oliveira Reis saltando um obstaculo no cavallo «Good Hope» do sr. conde de Fontalva [1.º premio]. 4—O sr. alferes Velloso montando o cavallo «Adamastor». 5—O sr. alferes Velloso em frente á tribuna real

[CLICHÉS DE BENOLIEL]

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

SÉDE SOCIAL — RIO DE JANEIRO

Filial em Portugal = Largo de Camões, 12, 1.° = Lisboa

DIRECTORIA DA FILIAL

Presidente: Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado Honorario.

Vice-presidente: Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado Honorario e lente da Escola Medica.
Director consultor: Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, Advogado.
Director medico: Dr. Henrique Jardim de Vilhena.
Gerente: M. A. de Pinho e Silva.

A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua, todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusivé a approvação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro — Unicamente adoptado pela «EQUITATIVA»

Nos sorteios de abril e outubro de 1905 e abril de 1906 foram contempladas as seguintes apolices, recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

20180 — D. Amelia Marques da Costa Barros — Porto — 1:000$000
20070 — Dr. João Maria da Costa — Alpiarça — 1:000$000
20291 — Lino Joaquim de Almeida Aguiar — Lisboa — 1:000$000
20899 — José João Telhada — Santarem — 1:000$000
20318 — D. Maria da Silva Catharino — Alpiarça — 1:000$000
20230 — Dr. Antonio César Almeida Ramos — Figueira da Foz — 1:000$000
20735 — José Fernandes Rodrigues — Lisboa — 1:000$000
20831 — Abilio de Mattos — Ponte de Lima — 1:000$000
20613 — M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho — Lisboa — 1:000$000

DOTAÇÕES DE CREANÇAS DE 1 AOS 15 ANNOS

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios, prospectos e outras informações que forem dirigidas a

Filial d'A EQUITATIVA dos E. U. do Brazil

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.°